



## DE ESTRELA À FLOR: POROSIDADES E PROJEÇÕES DA PERSONAGEM MACABÉA NAS OBRAS DE CLARICE LISPECTOR E CONCEIÇÃO EVARISTO

Fabio Scorsolini-Comin\*

**Resumo:** O objetivo do presente estudo é refletir sobre as porosidades e as projeções da personagem Macabéa narrada em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, e em *Macabéa: Flor de Mulungu*, de Conceição Evaristo. A revisitação da personagem Macabéa decorridos quase 50 anos de sua aparição da literatura brasileira produz, como efeito, novos sentidos sobre a protagonista, indiciando habilidades atribuídas no romance de Evaristo e a possibilidade de representação não só da exclusão social, mas, sobretudo, da pulsão de vida associada a uma coletividade da qual o narrador-personagem é signatário. A metáfora vegetal da flor do mulungu assevera o sentido da perenidade ao propor a floração como resposta ao final de um ciclo, o que promove novos efeitos de sentido diante do cotejamento da morte no romance original.

**Palavras-chave:** Clarice Lispector. Conceição Evaristo. Literatura brasileira. Bestiário.

### **FROM STAR TO FLOWER: POROSITIES AND PROJECTIONS OF THE CHARACTER MACABÉA IN THE WORKS OF CLARICE LISPECTOR AND CONCEIÇÃO EVARISTO**

**Abstract:** The aim of this study is to reflect on the porosities and projections of the character Macabéa as narrated in *A hora da estrela* by Clarice Lispector and in *Macabéa: Flor de Mulungu* by Conceição Evaristo. Revisiting the character Macabéa nearly 50 years after her emergence in Brazilian literature yields new meanings about the protagonist, indicating skills attributed in Evaristo's novel and the possibility of representing not only social exclusion but, above all, the life drive associated with a collective of which the narrator-character is a part. The vegetal metaphor of the mulungu flower asserts the sense of permanence by proposing blossoming as a response to the end of a cycle, which creates new layers of meaning when compared to the portrayal of death in the original novel.

**Keywords:** Clarice Lispector. Conceição Evaristo. Brazilian literature. Bestiary.

### **Introdução**

Quase 50 anos separam a publicação de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, que lançou ao mundo o germe da personagem Macabéa, migrante nordestina, órfã de pai e mãe, que se desloca para o sudeste do país, e a obra

*Macabéa: Flor de Mulungu*, de Conceição Evaristo. *A hora da estrela* foi o último romance escrito por Clarice, publicado no mesmo ano em que a autora faleceu, 1977. Considerada uma das principais obras da autora, traduzida para diversos idiomas e adaptada para o cinema, tem como protagonista a esquelética Macabéa, nascida no estado de Alagoas e cuja narrativa se desenvolve no Rio de Janeiro, passando pelas diversas experiências que compõem o seu ser-no-mundo. Entre elas, destaca-se a de um subemprego como datilógrafa, a convivência com outras moças em um pensionato, a descoberta dos afetos com outro migrante, a consciência do próprio corpo e das sensações, e, sobretudo, a exploração do mundo por meio da linguagem.

A moça acaba tendo uma morte prematura, considerada o ponto alto da sua experiência de vida, a hora em que pode brilhar e, enfim, ocupar o lugar da grande estrela, tal como previsto pela cartomante no ato final do livro. Essa mesma personagem, no entanto, ganha continuidade e uma nova possibilidade de existir na obra de Conceição Evaristo, publicada em 2023.

Um primeiro elemento, observável desde os títulos das obras, é que o nome Macabéa vem marcado apenas no livro de Conceição Evaristo, indiciando, inequivocamente, que se trata da protagonista. Se, na obra original, não há qualquer tentativa de apresentação de um sobrenome para a personagem, o que pode indiciar sua origem comum e seu itinerário de despersonalização e de miséria, Conceição Evaristo complementa esse nome originário com a alcunha “flor de mulungu”, marcada desde o título.

O mulungu, popularmente conhecido como suinã e mulungu coral, é a espécie *Erythrina verna*, da família *Fabaceae-Faboideae*, típica da Mata Atlântica, que ocorre em estados como Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Cultivada em áreas úmidas, essa árvore pode atingir de 10 a 25 metros de altura. Suas flores, alvo de pássaros e espécies como o beija-flor, são de tonalidade vermelha e laranja. Sua floração ocorre de agosto a setembro. A breve floração dessa espécie é utilizada por Conceição Evaristo ao explicar a atribuição da alcunha à personagem:

Desde quando vi e não só olhei de relance a moça Macabéa, caída e semimorta no chão, imaginei que a flor de mulungu seria para ela, ou

67

melhor, seria ela. E nem sei por quê. Só mais tarde a minha suspeição ficou confirmada. Sim, Macabéa, Flor de Mulungu. Foi preciso tempo. Um tempo profundo, mas de resumidas horas. Nunca tive a vida inteira a me esperar e a dela parecia estar quase-quase se esvaindo. Eu vi a moça, a outra. Uma Macabéa outra. E essa outra, vi em seu estado de breve floração. Mas em estado tão breve, que de tão breve, em mim se fez eterno (Evaristo, 2023, p. 7).

O tempo, desse modo, costura a seleção da espécie que traduziria a brevidade da vida, uma moça com uma vida breve, tal como descrito no romance clariciano. No entanto, em *Macabéa: Flor de Mulungu*, a personagem tem a sua florada alargada, em contraposição à breve floração que lhe confere um nome, um complemento para o seu nome próprio. A floração da personagem parece se ampliar diante do narrador em primeira pessoa, construído por Evaristo, que se coloca em um exercício experiencial-vivencial junto à migrante, indiciando, desde o início, uma identificação por meio do feminino, algo que parece mais distanciado no narrador criado por Clarice, Rodrigo S. M., em um exercício que põe em tela, sobretudo, a construção da própria autoria e os dilemas da escrita diante de uma personagem tão complexa como Macabéa.

Diante desse panorama, o objetivo do presente estudo, de caráter teórico, é refletir sobre as porosidades e as projeções da personagem Macabéa narrada em Clarice Lispector e em Conceição Evaristo. O *corpus* é formado pela obra *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, publicada originalmente em 1977, e *Macabéa: Flor de Mulungu*, de Conceição Evaristo, datada de 2023.

Como referencial teórico, pautamo-nos nas considerações sobre a autoria na obra de Roland Barthes (2002), em diálogo com a análise do discurso pecheutiana, a AD (Orlandi, 2007; Possenti, 2001; Tfouni, 2021). Tanto em Barthes (2002) como na tradição da AD pecheutiana, não se trabalha com a figura do autor, o chamado autor enquanto sujeito psicológico, sujeito gramatical, o que nos conduziria à necessidade de produzir uma discussão sobre as obras de Clarice e de Conceição Evaristo amalgamada às suas histórias de vida, determinações e motivos pessoais “revelados” na escrita literária.

Ao contrário, na perspectiva discursiva, esse sujeito psicológico possui uma menor importância, haja vista que a função-autor é exercida mediante a capacidade de se produzir um texto coeso e contendo os pontos de fuga e de

dispersão do dizer. Assim, para a AD, o sujeito psicológico que escreve não possui importância, uma vez que a autoria se instala quando esse sujeito consegue se colocar na origem do seu texto, controlando seus pontos de fuga e de indeterminação (Orlandi, 2007; Tfouni, 2021). Exercendo a função-autor, na AD, o sujeito também é capaz de compreender que ele, em si, não é a origem do seu dizer. A linguagem, nessa perspectiva não é compreendida como transparente, haja vista que os sentidos estão sempre por ser indiciados segundo as posições discursivas assumidas e as condições de produção, não havendo interpretações neutras, mas efeitos de sentidos marcados pela ideologia e que podem ser capturados pelo analista do discurso (Pêcheux, 2014). A seguir, serão apresentados e discutidos os três vértices analíticos produzidos diante do objetivo do estudo: 1) a posição do narrador e a emergência da função-autor; 2) a metáfora vegetal em oposição ao bestiário; 3) tensões entre morte-vida.

## 1 Os narradores de Macabéa

A distância – e, em alguma medida, a proximidade – entre os narradores de *A hora da estrela* e *Macabéa*: Flor de Mulungu é um dos aspectos centrais quando nos dispomos a refletir sobre o modo como a personagem é apresentada ao público. Rodrigo S. M. revela os dilemas enfrentados por quem escreve, as escolhas operadas pelo autor, em um exercício metalinguístico que faz a personagem Macabéa ser nomeada ao leitor apenas na metade do romance, quando conhece Olímpico de Jesus, com quem tem um breve – e único envolvimento afetivo na narrativa. A história da estrela é também a do narrador, alçando tornar-se autor: “A história – determino com falso livre arbítrio – vai ter uns sete personagens e eu sou um dos mais importantes deles, é claro. Eu, Rodrigo S. M.” (Lispector, 1998, p. 13). Em seu exercício de escrita, o narrador-personagem divaga detidamente sobre as agruras desse processo, o que se dá em função da personagem Macabéa. A sua escrita se tece em função da protagonista por ele narrada: “Tenho então que falar simples para captar a sua

delicada e vaga existência” (Lispector, 1998, p. 15). É por meio dessa escrita, portanto, que o narrador vai se aproximando de Macabéa ou tentando tateá-la.

No entanto, o que observamos, em grande monta, é um exercício que, a todo momento, coloca em xeque a distância entre o mundo esvaziado de Macabéa e o prenhe de recursos habitado por Rodrigo S. M. Este eleva-se a um patamar segundo o qual, para narrar, precisaria descer até Macabéa, o que, em termos da linguagem, deveria se traduzir em uma capacidade de escrever de modo mais simples e sem requintes. Essa escrita, segundo o narrador, permitiria acessar Macabéa. O efeito de sentido produzido, no entanto, é também o de uma tentativa de o narrador mostrar sua superioridade forjada em face das inseguranças nutridas no ofício da escrita: “(...) também eu não faço a menor falta, e até o que escrevo um outro escreveria” (Lispector, 1998, p. 14).

Embora Rodrigo S. M. tente posicionar-se nesse patamar superior, seu ofício o aproxima de Macabéa, em um processo no qual criador e criatura amalgamam-se: “(...) ela se me grudou na pele qual melado pegajoso ou lama negra” (Lispector, 1998, p. 21). Essa proximidade é indiciada como incômoda, por vezes produzindo uma relação de dependência: “Pois a datilógrafa não quer sair dos meus ombros” (Lispector, 1998, p. 22). Mas, mesmo diante desse movimento, o narrador-personagem consegue distanciar a sua figura da personagem por ele criada. O movimento movediço de encontro é capitaneado exclusivamente pelo ofício da escrita e pelo processo criativo. Mesmo quando reflete sobre as suas misérias, Rodrigo S. M. tenta se distinguir de Macabéa. Isso nos permite argumentar que a proximidade entre os dois, quando ocorre, não é forjada por uma identificação genuína, do reconhecimento de naturezas irmãs, mas em função do processo autoral.

O narrador de Conceição Evaristo assume o gênero feminino e se coloca, desde o início, amalgamado à experiência de quem é narrada: “Eu também me espinhava todinha com as dores imaginadas por mim para Macabéa” (Evaristo, 2023, p. 8). Se Rodrigo S. M. reflete sobre o controle que detinha sobre a personagem, posicionando-se como um autor diante de uma obra que estava sendo construída à medida que era cotejada pelo leitor, o narrador de Evaristo se posiciona como quem pode narrar diante da identificação pele-a-pele com

Macabéa: “E de que viver, o que escrever se não sangrassem em mim, as dores da estrela?” (Evaristo, 2023, p. 11). E, mais adiante: “(...) garantir que Macabéa, a Flor de Mulungu, sou eu. Tal é a minha parença-mulher com ela. Repito, sou eu e são todos os meus” (p. 11). O narrador, aqui, não parece esboçar qualquer desconforto por essa proximidade, como se isso pudesse esmaecer a força narrativa, pelo contrário. É por caminhar com Macabéa que esse narrador pode escrever. A proximidade em Evaristo é, pois, uma condição, ao passo que em Rodrigo S. M. é um incômodo decorrente do ofício do autor: “Apesar de não ter nada a ver com a moça, terei que me escrever todo através dela por entre espantos meus” (Lispector, 1998, p. 24).

A proximidade como condição, em Evaristo, e a proximidade como efeito, em Clarice, produzem diferentes perspectivas sobre os fios discursivos que se desenham. Ainda que possa se aproximar da personagem para poder narrar, Rodrigo S. M. inquieta-se com esse processo, o que o faz questionar, inclusive, a sua capacidade para exercer a autoria e ser respeitado como autor. A proximidade, aqui, é indiciada como perigosa, como se pudesse revelar o autor por trás do narrador e a sua dificuldade de posicionar-se de modo distinto, reconhecendo cada função na orquestração do romance.

Podemos aventar, nesse ponto, que o receio de o narrador, assumindo a função-autor, ser tomado como um profissional menor, incapaz de controlar a autoria, é problematizado pela AD em seu conceito de autoria. A figura do autor como um sujeito psicológico responsável pelo texto inexistiria (Foucault, 2001; Orlandi, 2007; Tfouni, 2021), sendo importante compreender que é a função-autor que permitiria ao autor colocar-se na origem do texto, produzindo-o com coesão e coerência, contendo a deriva e os pontos de fuga (Tfouni, 2021). Vemos, portanto, um sujeito-narrador que, a todo momento, reflete se, de fato, alcança essa posição. Essa preocupação inexistente em Evaristo, que propõe um narrador-personagem que não apenas se identifica com Macabéa, mas que encontra nessa proximidade uma força narrativa, um elemento capaz de transformar o seu texto, de fato, em uma obra, em um gênero a ser reconhecido pelo leitor.

Decorrente desse apontamento, é mister problematizar o modo como os elementos sociais, culturais e contextuais emergem nessas duas produções. Um primeiro aspecto a considerar é o fato de Clarice Lispector ser considerada, por vezes, uma autora cuja produção se encontra apartada de um contexto social mais imediato. Nesse âmbito de valorização da literatura como forma de compreender o social – e, sobretudo, o contexto da injustiça social – Clarice Lispector aparece como uma autora distanciada dessa realidade. Mas isso não pode ser afirmado, em absoluto (Montero, 2021). Em *A hora da estrela*, ela explora a narrativa de Macabéa, uma migrante nordestina que vem ao sudeste em busca de melhores condições de vida. Trata-se de um itinerário bastante comum na segunda metade do século XX em nosso país, com o desenvolvimento industrial no eixo sul-sudeste.

Mas o olhar de Clarice não parece estar circunscrito a essa realidade macrossocial em busca de descrevê-la ao leitor – como em Guimarães Rosa e em Graciliano Ramos, autores da mesma geração – mas, sobretudo, em uma perspectiva intimista, de esvaziamento do interior da personagem de Macabéa e do seu medo da linguagem (Gotlib, 2009; Moser, 2017). Aqui, o objetivo não parece ser o de propriamente denunciar a miséria, a injustiça e a subalternidade, nem mesmo os estereótipos dos migrantes, das mulheres e das nordestinas, mas como a aridez de um cenário macrossocial ressoa no modo como Macabéa parece temer o seu mundo interno, os seus desejos, os seus questionamentos e a própria linguagem. Macabéa teme a linguagem justamente por não a dominar, assim como teme um mundo que não lhe é inteligível (Lopes; Paula; Pacífico, 2018).

Mas trata-se de um equívoco considerar que Macabéa seja a única incursão de Clarice em uma temática mais alinhada ao social. Clarice sempre foi uma observadora da sua realidade, sobretudo da realidade por ela vivenciada, como na personagem de *A paixão segundo G. H.*, em que a patroa, uma mulher de classe média, depara-se com uma barata no quarto que era habitado pela empregada doméstica, Janair (Lispector, 2009). Diversas relações sociais acabam emergindo, como a relação com a empregada, o espaço ocupado pelo corpo da empregada, o cheiro do cômodo e a própria deflagração da semelhança

da patroa com a matéria da qual era feita a barata. Estereótipos e marcadores de classe, aqui, mesclam-se em um exercício que, *a priori*, é descrito como intrapsíquico.

Outro exemplo está presente no livro *Quase de verdade*, voltado ao público infantil (Lispector, 2010). Nesta obra, Clarice aborda diversas temáticas, sobretudo a exploração do capital e da força de trabalho – uma figueira, sentindo-se dona dos ovos produzidos pelas galinhas, faz um acordo com uma nuvem que passa a iluminar a copa dessa árvore o dia todo, fazendo com que as galinhas produzam ovos ininterruptamente. A figueira, então, vendia os ovos e lucrava com a exploração do trabalho das galinhas. Essa exploração só tem fim quando essas galinhas, juntamente com os galos, organizam-se para fazer com que o dia seja apenas dia e a noite seja apenas noite. A figueira deixa de ficar iluminada à noite e as galinhas, então, podem voltar a produzir segundo sua própria natureza, apenas durante o dia.

A luta de classes e a exploração pelo capital são metaforizados em *Quase de verdade*. Como alegoria, a narrativa busca se aproximar, como denúncia, a uma dada realidade. Em Clarice, a realidade social e histórica não é alçada à condição de uma denúncia explícita, necessariamente, mas permite à autora compreender e construir relações que não podem ser apartadas de um dado momento social, como em todo e qualquer dizer. Com isso, podemos colocar em suspenso a tese de que Clarice era uma autora fundamentalmente voltada ao mundo intrapsíquico, sobretudo o seu mundo interno (Scorsolini-Comin; Pacífico, 2023).

Outro movimento desenha-se quando apreciamos a obra de Conceição Evaristo. Nascida em 1946, cunhou o termo *escrevivência* (Evaristo, 2011), que contempla a possibilidade de uma escrita que não se põe apenas a descrever o modo como a realidade se espelha no autor, mas como esse autor é profundamente afetado por esse mundo em sua escrita. Sobretudo, essa *escrevivência* permite o protagonismo da voz feminina negra tão silenciada na literatura brasileira, considerando as ressonâncias da “condição diaspórica africana no Brasil e seus desdobramentos estruturais” (Cruz, 2012, p. 2). Esse movimento permite ao narrador de *Macabéa: Flor de Mulungu* aproximar-se e



identificar-se com a protagonista sem quaisquer receios e sem qualquer tentativa de controle das possíveis bordas por entre o narrador e a personagem – e, em alguma medida, entre essas posições a assumida deliberadamente por Conceição Evaristo.

Embora não possamos, em uma perspectiva discursiva e de estruturação do romance, confundir as posições do autor e daquele que narra (Barthes, 2002), ou, ainda, da função-autor, da posição do narrador e da figura do sujeito psicológico do autor, como ponderado pela AD (Orlandi, 2007), podemos aventar, em alguma medida, que o conceito de escrevivência parece fazer ranger tal delimitação, convocando-nos a novas considerações sobre esses estimados limites na obra literária. O conceito de escrevivência nos mobiliza a considerar tanto os atravessamentos do sujeito psicológico, suas características físicas, sociais e culturais, quanto o modo como, ao escrever, assume a função-autor, trazendo para o texto as marcas de um posicionamento que preexistem e que se atualizam na produção da obra. Embora a função-autor seja de particular interesse para os estudos sobre a autoria na AD (Orlandi, 2007; Tfouni, 2021), independentemente das características e da história do sujeito psicológico (Foucault, 2001), a escrevivência não pode sequer ser compreendida sem esse interjogo. Mas, obviamente, essa discussão ainda precisa ser mais bem endereçada e problematizada no campo da AD de linha francesa.

Essas tensões também emergem quando analisamos a obra clariciana, marcada por diversas incursões sobre as possíveis marcas autobiográficas (Morais; Pacífico; Scorsolini-Comin, 2022). Em *A hora da estrela*, por exemplo, diversas passagens do narrador guardam proximidade com entrevistas concedidas por Clarice, a exemplo de quando menciona escrever apenas por vontade e não profissionalmente. No livro, Rodrigo S. M. afirma algo semelhante: “Mas acontece que só escrevo o que quero, não sou um profissional (...)” (Lispector, 1998, p. 17). No caso da obra clariciana, o transbordamento ou não entre ficção e não-ficção parece ser um vértice que é reavivado na tentativa de uma perspectiva mais essencialista capaz de depurar a obra literária por entre os destroços da existência do autor. Em alguma medida, isso produz como efeito, muitas vezes, o estilhaçamento da figura do autor. Tal processo parece

mais orgânico quando nos reportamos a Conceição Evaristo, de modo que a sua ancoragem para a produção dos seus textos não é submetida ao mesmo crivo analítico, tentando desvendar por trás e por dentro uma possível origem do dizer.

## 2 Do bestiário à metáfora vegetal

Se o modo como a recepção dessas duas autoras mostra-se distinto na literatura brasileira, também a figura da Macabéa clariciana e a da Macabéa de Evaristo revelam diferenças. É o caso da metáfora vegetal presente na nomeação da Flor de Mulungu. Em Clarice, no entanto, essa metáfora guarda proximidade com a natureza animal, sendo a personagem aproximada da figura do cachorro, como em “(...) cadela vadia teleguiada exclusivamente por si mesma” (Lispector, 1998, p. 18), da galinha, como em “(...) como uma galinha de pescoço mal cortado” (Lispector, 1998, p. 81), além da menção aos instintos de Macabéa e os de Olímpico, “(...) bichos da mesma espécie que se farejam” (Lispector, 1998, p. 43). O bestiário ainda emerge em menções à girafa, ao ovo e ao cavalo, que são associados a diferentes momentos da narrativa. O bestiário atravessa toda a obra clariciana, sendo que a metáfora com o mundo animal pode ser compreendida como uma das marcas da sua autoria (Scorsolini-Comin, 2023). A animalidade como metáfora reforça a vinculação de Macabéa com um mundo humanizado, mas uma humanização marcada pelas injustiças sociais, pela vulnerabilização de espécies irmãs, pela miséria e pelo aniquilamento.

Como Flor de Mulungu, Macabéa assume a posição de quem pode, com os seus conhecimentos do mundo vegetal, amansar “feras bravias” (Evaristo, 2023, p. 20). Aventamos, aqui, que a imagem vegetal parece indiciar diferentes gestos interpretativos. Um deles é o do domínio do vegetal sobre o animal, podendo as folhas da árvore do mulungu promoverem diferentes efeitos sobre os homens e os seus instintos. Esse sentido pode ser sustentado não apenas no conhecimento popular acerca do uso de plantas para diversos processos de saúde-doença-cuidado, mas também na literatura científica, que tem reunido evidências científicas que relatam propriedades atribuídas ao mulungu, como

seus efeitos sedativos, ansiolíticos e anticonvulsivantes (Silva; Ferreira; Santana; Santos; França, 2022).

Macabéa é descrita como alguém que dominava ervas e curas, preparava garrafadas para diferentes males, sendo associada não apenas à morte, como no romance de Clarice, mas à vida, alçada à posição de parteira, a que poderia trazer à vida, ao mundo. Macabéa se aproxima, ainda, de sentidos mais amplos sobre os processos de saúde-doença-cuidado e da cura: “(...) muitos doentes acreditavam que até o aroma dos aliviantes líquidos curtidos pela Flor de Mulungu, como bálsamo, curava feridas do corpo e fendas da alma” (Evaristo, 2023, p. 20-23).

Outra diferença que se marca é nas habilidades que Macabéa adquire na obra de Conceição Evaristo. Além de parteira e curandeira, a protagonista domina a função de tecer, de cerzir, de reatar fios. Se, em Clarice, mostrava-se inábil até mesmo com a datilografia, Evaristo a habilita para diferentes funções que compõem a natureza vegetal da Flor de Mulungu, uma dimensão relacionada à vida, ao nascimento, à reconstrução, à capacidade de se refazer, de resistir. Se, no romance original, embaralhava-se com as palavras à máquina, suas mãos são alçadas, como Flor do Mulungu, a categoria de divindade, sendo por meio delas que se produzia vida, e, por extensão, também a linguagem. A datilógrafa que buscava se situar no mundo da linguagem parece, em Evaristo, dominar um mundo letrado, não sem dificuldades. A sua aparente inabilidade para viver, no romance clariciano, dá lugar a uma Macabéa que “não era uma pessoa de raso saber”, ao que se acrescenta: “Era capaz de fingir de morta para enganar coveiro” (Evaristo, 2023, p. 15).

A inabilidade diante dos próprios sentimentos diante de Olímpico é substituída, então, por uma capacidade de domar seus sentimentos, de se camuflar e de falar pouco, o que era uma aprendizagem obtida com seus ancestrais: “Aprendera com os seus determinadas máximas. Em boca fechada não entra mosquito. Pouco errava em suas apreciações, não era dada à falação” (Evaristo, 2023, p. 15). Assim, não fala pouco por não dominar a linguagem, mas por saber do poder das palavras. Essa aprendizagem não ocorrera de modo formal, mas por meio de uma “sapiência ancestral” (Evaristo, 2023, p. 16),

ancestralidade que parece, de algum modo, negada à personagem clariciana, órfã de pai e mãe, apartada de sua terra e de suas origens. Em alguma medida, portanto, essas duas Macabéas parecem se aproximar no medo da linguagem. No entanto, a segunda parece imersa nesse universo, escolhendo silenciar por, justamente, conhecer a palavra, o que diverge da Macabéa clariciana.

### 3 A morte-vida de Macabéa

Por fim, um elemento que reescreve o destino de Macabéa é apresentado por Conceição Evaristo. Se, em Clarice, a morte da protagonista era o auge de uma vida esvaziada, em que todas as atenções se voltavam a ela diante do acidente, em Evaristo esse é um ponto de mudança para a personagem. Macabéa não apenas não morria naquele instante do atropelamento, como continuava a viver segundo um novo modo de existir:

A Flor de Mulungu não ia fenecer. Não. A posição fetal em que ela se encontrava era um indício de que uma nova vida se abria. Ela ia nascer por ela e com ela. Macabéa ia se parir. Flor de Mulungu tinha a potência de vida. Força motriz de um povo que resilientemente vai emoldurando o seu grito. Mulheres como Macabéa não morrem. Costumam ser porta-vozes de outras mulheres, iguais a elas, mesmo travestidas em Glórias, e também costumam ser intérpretes das dores de homens, cabras-machos, vítimas-algozes, como Olímpico de Jesus. Macabéa não ia morrer (Evaristo, 2023, p. 32).

De algum modo, esse instante em que Macabéa fica deitada no meio-fio, com tímida respiração e em posição fetal, produz, em Evaristo, o efeito de que Macabéa enganava a morte, assim como fazia diante da previsão da cartomante. Ao driblar a morte, continuaria, pois, a viver. Desfaz-se, aqui, a narrativa que a posiciona, por vezes, como alguém atravessado por um sistema excludente, cruel e que pouco ofereceu a essa mulher, apresentando uma Macabéa prenhe de pulsão de vida, em que a morte não seria capaz de desviar-lhe de um caminho, este sim, de estrela: “Tudo lhe sangra em estrelas. Flores de mulungu vermelhas” (Evaristo, 2023, p. 31). Essa capacidade de enganar a morte também emerge desfazendo a sua aparente inexperiência para o viver no romance clariciano. A sua descrição marcada pela ingenuidade e pela ignorância, então,

é substituída pela sagacidade não apenas para as relações cotidianas, como para um conhecimento que se dá para além desse mundo. O domínio exercido por Macabéa, então, dá-se para além das “coisas desse mundo”, em uma aproximação com o mundo transcendente, imponderável e do desconhecido.

Macabéa também é narrada não apenas como quem possuía uma existência individual, mas como representante de uma existência coletiva. Aqui não emerge apenas a sua identificação pelo feminino, como ela representasse tantas outras mulheres, mas também como representante de um povo, a exemplo de Olímpico, marcado pela desigualdade, pela dor e pela necessidade de construir para si uma possibilidade de existência diante das agruras do viver. Sendo representante de tantos, portanto, Macabéa não haveria de morrer, pelo contrário, sendo-lhe atribuída a capacidade de parir a si mesma, como se reinventasse o seu existir não apenas driblando a morte como também a própria vida.

Se, em Clarice, a morte de Macabéa culmina na morte do autor, o narrador-personagem Rodrigo S. M., em Evaristo emerge a potência de um narrador que se recusa à escrita de um destino outrora marcado. Rodrigo S. M. narra, assim, a morte do autor: “Macabéa me matou. Ela estava, enfim, livre de si e de nós. Não vos assusteis, morrer é um instante, passa logo, eu sei porque acabo de morrer com a moça” (Lispector, 1998, p. 86). Observamos, portanto, um narrador que tem a sua existência amalgamada à da personagem que criara. Por expansão de sentido, temos a figura de Macabéa permitindo a vida de Rodrigo S. M., o que coaduna com a imagem de uma Macabéa fértil e ligada à pulsão de vida, como anunciado por Evaristo posteriormente.

O narrador-personagem de *Macabéa: Flor de Mulungu* não permite o desenlace fatal, mas não constrói qualquer estratagema mirabolante para enganar a vida e permitir não só a sua continuidade como, fundamentalmente, da protagonista. O narrador reconhece, pois, que aquele não haveria de ser o momento da morte, mas, pelo contrário, de sua floração. A flor de mulungu, nascida naquele fatídico mês de agosto, fomentava a continuidade da vida não apenas de Macabéa, mas de toda uma espécie, inclusive a da função-autor. Não nos referimos, na AD, a um autor que se materializa em sujeito empírico, sujeito

psicológico, mas, justamente, em uma posição-sujeito ocupada por quem narra (Possenti, 2001; Tfouni, 2021). Se, em Clarice, essa função tende a desaparecer com a morte da protagonista, indicia-se não a morte de um sujeito empírico, Rodrigo S. M., mas de sua função-autor, de sua posição como narrador. Já a continuidade da vida de Macabéa, em Evaristo, permite que essa função continue a ser exercida, a função-autor assumida no feminino. Produz-se, como efeito, metaforicamente, não mais a metáfora da morte do autor, como anunciado por Barthes (2004) e por Foucault (2001), mas a possibilidade de um autor que continua, junto da protagonista, assumindo a sua função-autor.

A narrativa de Conceição Evaristo desloca o acidente de Macabéa para o mês de agosto, popularmente considerado um mês de mau agouro, de má sorte. Este é, justamente, o mês em que o mulungu floresce. Assim, Macabéa estava em sua floração, a única floração do ano, o que a associa, inequivocamente, à vida, à continuidade, a um ciclo que se fecha e que se abre, que não se finda no auge, a exemplo da estrela. A flor de mulungu, florescendo antes das demais espécies, que o fazem com a primavera, abre caminho para a vida que chega, redesenhando o destino.

Se, em Clarice, a morte é a que promove o desfecho do livro, é a vida de Macabéa que é celebrada ao final da obra de Conceição Evaristo. Finda-se, pois, com a promessa da vida, com a fertilidade da flor, com a possibilidade dessa flor de mulungu germinar por entre tantas paragens, abrindo caminho para tantas outras vidas.

A metáfora oferecida por Evaristo é a de que Macabéa, por ser tantas e tantos, não findaria sua vida diante de uma profecia ou, ainda, interdita pela ilusão de um destino que fugia ao seu mundo, à sua origem. A flor de mulungu não haveria de se iludir diante de um destino pronto, em cuja salvação está no outro. É o reconhecimento desse outro dentro de si que catapulta uma experiência coletiva capaz de driblar a morte e fazer jorrar a vida mesmo antes da primavera, mesmo em um mês de má sorte.

Aliás, quanto a essa má sorte, Macabéa é posicionada como quem era capaz de resistir, capaz de curar, de costurar, de remendar, de consertar o que havia se quebrado. Essa habilidade para permitir a continuidade é indiciada de

modo particular em Evaristo, recobrando de força uma personagem que não mais poderia ficar marcada pela morte, mas pela vida. É com Evaristo, portanto, que Macabéa reencontra uma possibilidade de floração. Não podemos, aqui, anunciar que Macabéa estivesse morta em nosso imaginário, pelo contrário, uma vez que é uma das personagens mais conhecidas de Clarice. O que Evaristo produz, como efeito, é o de continuidade, de uma redescritção diante da morte, fazendo brotar, paradoxalmente, a vida. A metáfora vegetal, nesse sentido, parece indiciar esse movimento cíclico de modo renovado, em quase oposição ao bestiário clariciano e mesmo à imagem de uma estrela que pode ter se apagado e nem mesmo podemos ter certeza se o que avistamos é ou não o seu brilho, mas uma projeção de anos-luz. A flor de mulungu, desse modo, reafirma não a brevidade da existência de Macabéa, mas a sua perenidade, a sua floração a cada agosto, a sua fertilidade, em uma metáfora que, desde o título, busca ranger o lugar de luz associado à estrela no título clariciano. A hora seria, pois, da flor de mulungu.

### **Considerações finais**

Diante do objetivo proposto neste estudo, salientamos, em nossa análise, três vértices de problematização que tomaram como ponto de partida as aproximações e os distanciamentos entre as obras. O primeiro tratou da posição do narrador em cada um dos romances e da emergência da função-autor. O segundo explorou a metáfora vegetal empregada por Conceição Evaristo, em oposição ao bestiário clariciano. O terceiro, por fim, abordou as tensões entre morte-vida em ambas as produções.

Uma questão fundamental nessa proposta é a consideração de uma personagem que atravessa duas obras, mas uma personagem construída por duas autoras distintas separadas não apenas temporalmente, mas em termos de influências, estilos e, por que não dizer, de motivos. Isso nos obriga a problematizar que não se trata de uma mesma Macabéa, mas, como afirmado por Conceição Evaristo, de uma Macabéa “una e múltipla” (Evaristo, 2023, p. 12). Isso, por si só, produz, como efeito, dois gestos interpretativos: a

possibilidade de revisitar Macabéa e permitir a emergência de outras em face da matriz e, paradoxalmente, a de costurar os fios que permitem que essas diferentes personagens e facetas sejam, analiticamente, ancoradas em uma mesma Macabéa, originada na obra clariciana. O efeito é, então, o de indiciar uma Macabéa polissêmica e multifacetada que pode vir-a-ser tantos e tantas e, ao mesmo tempo, conservando a possibilidade de reconhecermos, como sujeitos-leitores, a todo o momento, a Macabéa de outrora.

Ainda que o percurso analítico aqui empreendido não esgote as possibilidades de leitura e cotejamento dessas obras, podemos concluir que a revisitação da personagem Macabéa decorridos quase 50 anos de sua aparição da literatura brasileira produz, como efeito, novos sentidos sobre a protagonista, indiciando habilidades atribuídas no romance de Evaristo e a possibilidade de representação não só da exclusão social, mas, sobretudo, da resiliência e da pulsão de vida associada a uma coletividade na qual o narrador-personagem se posiciona. Ao leitor, Conceição Evaristo se propõe a apresentar o que chama de “competências não anunciadas de Macabéa” (Evaristo, 2023, p. 19), o que produz, como efeito, a redescrição de uma personagem até em então marcada pela inabilidade e pelo esvaziamento. Esse vazio é preenchido com habilidades ligadas à vida e ao viver, o que promove uma leitura de Macabéa menos vulnerabilizada e mais consciente de sua vida e do poder da linguagem marcada em seu corpo e em sua ancestralidade.

Se a obra clariciana apresentava uma Macabéa que se apartava do seu corpo, estranhando-o, assim como se colocava diante das palavras, em Evaristo, Macabéa é capaz de reconhecer o perigo das palavras e valorizar o silêncio. Esse silêncio, no entanto, não produz silenciamento e opressão, pelo contrário; produz, pois, uma nova forma de viver, mais coletiva e preche de vida. Esse seu corpo, outrora fragmentado, é metaforizado por meio da flor do mulungu, asseverando o sentido da perenidade ao propor a floração como resposta ao final de um ciclo. A morte, pois, não é indiciada como fim, mas como um começo, tal como se Evaristo acrescentasse ao itinerário de Macabéa uma vírgula, dando continuidade a uma escrita que, pretensamente, havia se finalizado com Clarice.



Se *A hora da estrela* foi considerada pela crítica uma obra na qual Clarice pode explorar de modo mais aprofundado os aspectos sociais considerados negligenciados ao longo de sua produção, é importante salientar que essa consciência macrossocial continua a atravessar a personagem Macabéa construída por Conceição Evaristo. A esse respeito, é importante tensionar que, embora muito do cenário de miséria, de exploração, de alienação e de desterritorialização diante da migração ainda sejam uma realidade no país contemporaneamente habitado por Conceição Evaristo, algumas mudanças sociais também foram sendo observadas desde o final da década de 1970. Isso se dá, por exemplo, pela maior mobilização em torno do feminino e do papel da mulher em nossa sociedade – o que se expande para a literatura. Se esse vértice já era iluminado por Clarice há quase meio século, tal aspecto aprofunda-se no argumento construído na, agora, *Flor de Mulungu*. Se apenas 26 anos separam o nascimento de Clarice Lispector e Conceição Evaristo, devemos considerar que a última tem a oportunidade de cotejar um mundo em transformação quase meio século após o falecimento da primeira. Isso permite a Evaristo uma perspectiva não apenas temporal, mas que pode promover incrementos na literatura, revisitando, pois, uma personagem clássica e até, então, quase intocada, recuperando a força da sua ancestralidade e concedendo-lhe não uma sobrevida, mas a possibilidade mesmo de continuar a existir.

A experiência da coletividade e da representatividade também é fomentada por um narrador-personagem, em primeira pessoa, que não apenas se solidariza com a protagonista, mas que assume a função-autor frente à proximidade e ao reconhecimento das semelhanças e da ancestralidade em comum. Se, no romance clariciano, observamos um narrador-personagem que se debate diante da aproximação com a personagem que criara, em Conceição Evaristo percebemos um narrador que não se aparta dessa proximidade, podendo se posicionar como copartícipe de um destino não mais narrado individualmente, como o de uma estrela solitária, mas de uma flor que, junto de outras flores, é capaz de redescrever o mau agouro do mês de agosto, driblando a morte da protagonista e permitindo, daí em diante, uma nova forma de existir, não apenas de si, mas, fundamentalmente, com o outro e no outro.

## Notas

\*Fabio Scorsolini-Comin é psicólogo e linguista. Doutor em Psicologia e em Educação pela Universidade de São Paulo. Docente do Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6281-3371>. E-mail: [fabio.scorsolini@usp.br](mailto:fabio.scorsolini@usp.br)

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **A aventura semiológica**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CRUZ, Adécio de Sousa. Conceição Evaristo: insubmissas lágrimas de mulheres. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 39, p. 255-258, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/wtdkQJzwJVtYysmDQj9SznQ/?lang=pt#>. Acesso em: 25 jun. 2024.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

EVARISTO, Conceição. **Macabéa**: flor de mulungu. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2023.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos**: Estética – literatura e pintura, música e cinema (vol. III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 264-298.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G. H.** Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

LISPECTOR, Clarice. **O mistério do coelho pensante e outros contos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

LOPES, Ana Paula Alberto; PAULA, Thaís Silva Marinheiro; PACÍFICO, Soraya Maria Romano. O discurso de/para Macabéa em A Hora da Estrela: sentidos possíveis e (in)desejados para o sujeito-mulher. In: GARCIA, Dantielli Assumpção Garcia; SOUSA, Lucília Maria Abrahão; PRANDI, Maria Beatriz Ribeiro; BASTOS, Gustavo Grandini (org.). **Quando o feminino grita no poético e no político**. São Carlos: Pedro & João, 2018. p. 179-196.

MONTERO, Teresa. **À procura da própria coisa**: uma biografia de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco, 2021.

MORAIS, Cecília Veronês Cândido; PACÍFICO, Soraya Maria Romano; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Saúde mental e a escrita do feminino em Clarice Lispector. **Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 102-125, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/50668>. Acesso em: 25 jun. 2024.

ORLANDI, E. P. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2007.

POSSENTI, Sírio. Enunciação, autoria e estilo. **Revista da FAEEBA. Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v.10, n. 15, p. 15-21, 2001. <https://doi.org/10.21879/faeeba2358-0194.v10.n15>. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/faeeba/issue/view/242>. Acesso: 25 jun. 2024.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio. The author and the animals: the intimate life of Ulisses. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 28, e50440, 2023. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v28i0.50440>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/fZxKB4hmDxDKG97tm6gVnN/?lang=en>. Acesso em: 25 jun. 2024.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; PACÍFICO, Soraya Maria Romano. A autoria e o romance da escuta em Quase de verdade, de Clarice Lispector. **Educação**, Santa Maria, v. 48, p. 1-23, 2023. <https://doi.org/10.5902/1984644467931>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/67931>. Acesso em: 25 jun. 2024.

SILVA, Flávia Thays de Moura Silva; FERREIRA, Débora; SANTANA, Gabryelle de Barros; SANTOS, Káren Mickaely Gonçalves; FRANÇA, Emmily Fabiana Galindo. Utilização da fitoterapia para redução da ansiedade frente a pandemia por SARS-COV-2. **Revista Fitos**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 541-550, 2022. <https://doi.org/10.32712/2446-4775.2022.1404>. Disponível em: <https://revistafitos.far.fiocruz.br/index.php/revista-fitos/article/view/1404>. Acesso em: 26 jun. 2024.

TFOUNI, Leda Verdiani. Letramento e autoria. **Cadernos de Linguística**, Campinas, v. 2, n. 1, p. 1-20, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.25189/2675-4916.2021.v2.n1.id299>